



GOOGLE FOR EDUCATION: UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA

Bianca Queda¹

Debbie Noble²

O acontecimento histórico da pandemia de Covid-19 leva a novos modos de discursivização e faz emergir novas formas de subjetivação. A partir desse acontecimento, impôs-se a necessidade de isolamento social e a reconfiguração da educação em um modo de funcionamento remoto. Nessa conjuntura, o Estado de Santa Catarina assume o pacote de ferramentas do Google para a educação como espaço oficial de configuração da prática pedagógica na modalidade de ensino remoto. Considerando, com Pêcheux, que para toda demanda há sempre uma resposta já possível – relação tratada por meio do par demanda/comanda (2012) – entendemos que a construção de uma necessidade não é anterior às respostas oferecidas para ela. Assim, ressaltamos que este pacote de ferramentas vem sendo introduzido na Educação de Santa Catarina há alguns anos, por meio de acordos de cooperação, resultando em formações pedagógicas diversas e na construção de espaços de tecnologia em algumas das chamadas “escolas-piloto” da rede estadual.

Diante disso, neste trabalho, temos por objetivo analisar o modo de funcionamento discursivo do ensino de língua nos espaços enunciativos informatizados (GALLO; SILVEIRA, 2017), na conjuntura da educação remota de Santa Catarina, debruçando-nos, mais especificamente, sobre os espaços legitimados pela chancela institucional (o Google “Sala de Aula”) em comparação àqueles não legitimados da mesma forma (Instagram).

Nosso corpus de análise é constituído por capturas de tela de duas atividades, ambas promovidas em uma mesma escola durante o período de ensino remoto. A primeira atividade (doravante A1) foi postada no Google Classroom no espaço correspondente à disciplina de Português e apresenta o trabalho com minicontos, especificando que este é um gênero circulante nas redes sociais, mas propondo que a escrita dos alunos seja realizada no caderno.

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem, Unisul.

² Doutora

Figura 1 – Atividade 1 (A1)

Mural	Atividades	Pessoas	Notas	
<p>Item postado em 12 de mai. Editado às 26 de mai.</p> <p>Olá, turma! Tudo bem? Hoje seguiremos nosso estudo sobre contos, conhecendo uma outra forma de escrevê-lo. Você já ouviu falar em Minicontos? Então leia os exemplos que estão abaixo.</p> <p>-----</p> <p>"O telefone tocou. O nome da agenda ainda era o dela, mas do outro lado da linha era a voz do meu pai."</p> <p>"Toda semana, as roupas de cama são trocadas daquele quarto que ninguém mais dorme."</p> <p>"O número dela estava entre as chamadas não atendidas. Retornei a ligação, mas ninguém atendeu. Nunca mais ouvi a sua voz."</p> <p>-----</p> <p>Os minicontos acima são da escritora Luana Simonini e foram publicados por ela em sua conta do twitter. É comum que os minicontos sejam publicado em redes sociais, devido à sua dinamicidade provocada, principalmente pelo tamanho.</p> <p>1) Lendo os três exemplos expostos acima, escreva no seu caderno as características dos minicontos que você identificou.</p>		9 Entregues	26 Trabalhos atribuídos	2 Envios devolvidos

A segunda atividade (A2) foi postada na conta de Instagram da Escola e divulga uma Live/Debate realizada pelos professores das áreas de linguagens e Ciências Humanas, cuja temática é "Games que podem ensinar".

Figura 2 – Atividade 2 (A2)

Para realizar esta análise, com base na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso, nos valem das categorias propostas por Gallo como Discurso de Escrita (1995) e forma-discurso de Escritorialidade (2011), a fim de compreender a produção de um possível efeito-autor e a inscrição de professores e alunos como sujeito ordinário (SILVEIRA, 2015) nesse novo espaço em que não só circula o discurso pedagógico, mas no qual ele se formula em uma imbricação com a materialidade digital.

Nos últimos anos, a Análise do Discurso brasileira tem buscado compreender como especialmente os âmbitos da formulação e da circulação dos discursos são afetados pela materialidade digital e pelas mudanças sociais operadas por ela.

Nesse sentido, para Dias (2011), a materialidade digital provoca mudanças significativas na sociedade, instaurando novas formas de relações sociais e de relação com o conhecimento. Orlandi (2010), pensando sobre o modo de circulação dos sentidos no espaço digital, afirma que a especificidade dessa esfera produz consequências sobre a função-autor e o efeito-leitor produzidos. Já Gallo e Grigolletto (2015) ressaltam que é na imbricação do discursivo com o tecnológico, atravessados pela ideologia, que se encontra a complexidade do digital.

Embasadas no que a AD já vem construindo como entendimento sobre a relação entre materialidade digital e autoria, nos toca questionar como se dá e do que se trata ensinar a língua a partir dos atravessamentos operados pela materialidade digital.

Entendemos que a resposta a esses questionamentos toca a questão da autoria do professor e de sua relação com a manutenção e/ou a construção do arquivo de coisas-a-saber sobre língua na escola.

Pela perspectiva discursiva, entendemos o arquivo, devido às clivagens subterrâneas, como um espaço simbólico no qual alguns dados são expostos e outros ficam silenciados ou à margem. Alguns documentos recebem reconhecimento, outros são descartados. Há também restrição de acesso para alguns e liberação para tantos outros.

É importante ressaltarmos, aqui, que ao pensarmos o arquivo estamos levando em conta três dimensões: o arquivo empírico (banco de dados), o arquivo institucional (efeito de arquivo) e o arquivo discursivo. Desse modo, falar de arquivo na perspectiva da AD é considerar tanto a dimensão institucional quanto a dimensão discursiva do arquivo. Ainda que, muitas vezes, essas duas dimensões se misturam.

Em sua dimensão institucional, a definição clássica de Pêcheux (1982, p. 57) para arquivo, em um sentido amplo, é que diz respeito a um “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, ainda que compreendamos que esta definição está funcionando justamente como o efeito do arquivo.

Trata-se, portanto, de uma leitura de arquivo, que segundo Malidier (2003) não é apenas uma ‘máquina de ler’, mas um confronto com a dimensão sócio-histórica dos textos mais diversos. Para isso, quando trabalhamos a noção de arquivo precisamos pensar a leitura-escritura do arquivo, sob suas diferentes modalidades ideológicas e culturais, contra tudo o que tende hoje a apagar esse trabalho (PÊCHUEX, 1982).

Segundo Gallo (2019, p. 45),

os discursos de escritorialidade puderam ser caracterizados como discursos cuja circulação se dá em espaços enunciativos informatizados que produzem acontecimentos enunciativos e discursivos, além de colocar em contradição uma posição-sujeito de um discurso e um efeito-sujeito próprio desses espaços, e onde estão em curso processos específicos de legitimação relacionados à forma material digital.

Nesse sentido, observamos que A1 se inscreve no discurso da escrita, uma vez que se trata de uma atividade escolar que, apesar de propor o trabalho com um gênero textual que circula nas redes sociais, se apresenta com características do discurso pedagógico, que funciona predominantemente pela paráfrase, ou

seja, quanto mais próximo o aluno formular daquilo que o professor passou melhor, abrindo pouco espaço para a polissemia, ou seja, o discurso polissêmico é contido, jogando na maioria das vezes com discurso autoritário (ORLANDI, 2006).

Sendo assim, percebemos também que o Google Classroom funciona como um simulacro do espaço escolar, e na Ativ.1, os minicontos funcionam apenas como um instrumento pedagógico pertencente aos arquivos das coisas-a-saber no ensino de língua.

Por outro lado, A2 é uma discursividade própria da internet, já que se trata de um tipo de texto (Live) que circula nos espaços enunciativos informatizados, mas mais do que isso, é formulado somente nessa esfera, ou seja, é uma discursividade própria da ordem da escritoralidade. Gallo (2019) afirma que incidem processos de legitimação principalmente sobre os discursos que são formulados nesses espaços, e muito pouco naqueles que não se formulam aí, apesar de terem a forma material digital.

O que estamos propondo é considerar não apenas a condição histórica/ideológica da linguagem e do sujeito da linguagem, mas a contradição que se apresenta entre esse sujeito (que é o sujeito do equívoco, da ambiguidade, do esquecimento) e a materialidade digital (produzida por uma prática técnica dos sistemas digitais).

Além disso, nosso intuito é olhar para esses dois espaços discursivos informatizados pensando em como funcionam por via de duas noções discursivas: ordem e organização, que propõe Orlandi (2009), pensamento, justamente, na distinção entre elas.

A partir disso, teremos pistas de como esses arquivos são construídos, compreendendo o que há de regularidade e de dispersão dentro de cada um. Para, então, perceber se há ou não uma constituição de um novo arquivo no campo de coisas-a-saber dentro do ensino de língua.

Para concluir, em nossas análises preliminares, acreditamos que esse movimento do discurso de escrita para o discurso de escritoralidade, dentro dos espaços enunciativos informatizados, produz um novo arquivo no campo de coisas-a-saber relativo ao ensino de língua.

Para nossas análises iremos nos voltar para a segunda dimensão do arquivo, que é a discursiva. Quando pensamos na possibilidade de um novo arquivo produzido pela nova forma de produção do conhecimento, na forma de relação entre aluno/ professor no ensino remoto, não estamos pensando na ferramenta tecnológica, ou seja, um banco de dados. O que buscamos são os sentidos que extrapolam os limites da plataforma virtual, instituindo-se fora da web.

Sendo assim, a proposta da nossa análise é refletir sobre o arquivo enquanto uma discursividade, afetada pela materialidade da língua, da história e, mais especificamente, no caso do ensino remoto, da materialidade digital.

REFERÊNCIAS

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. [Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.]

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter**. 2015. Tese (Doutorado) – Curso de Letras/linguística, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

PÊCHEUX, Michael. Ler o Arquivo Hoje. *In*: **Gestos de leituras**: da história no discurso. Campinas, [1982] 1994. p.55-66.